



**A NETA DO
CONTRABANDISTA**

António JM Cardoso



A NETA DO CONTRABANDISTA

António J. M. Cardoso

Nota: Todos os locais e adereços - como números de edifícios, varais, gaiolas, árvores, carrancas, obeliscos, portas, frigoríficos, etc - são reais e existem nos locais descritos. A ligação entre eles é uma fantasia do autor.. ou não.

Imagem acima: alto relevo do menino decapitado, na frontaria da Igreja das Necessidades

2014

(Revisto pelo autor em 2020)

Alguém diz com lentidão:

“Lisboa, sabes...”

*Eu sei. É uma rapariga
descalça e leve,
um vento súbito e claro
nos cabelos,
algumas rugas finas
a espreitar-lhe os olhos,
a solidão aberta
nos lábios e nos dedos,
descendo degraus
e degraus
e degraus até ao rio.*

Eu sei. E tu, sabias?

(Eugénio de Andrade)

A noite caía suavemente sobre o Tejo. A luz emprestava um tom acobreado à água que se estendia a perder de vista. E o horizonte da outra margem ficava completamente apagado pelo nevoeiro fininho que se abatia sobre o estuário. Os cacilheiros davam lugar a catamarãs mais rápidos e menos dados a sonhos intempestivos. Lisboa, fria, húmida e apaixonante. Inverno. Beleza pura, refletida nas águas refletidas nas janelas de uma Alcântara perdida.

Pelo menos assim supunha Susana Mateus, quando abandonou a redação do Correio da Manhã, na Rua José Maria Nicolau perto do Estádio da Luz, ao fim da tarde.

E, enquanto se dirigia à Rua dos Soeiros, para apanhar o 726 que a levaria até à Estefânia onde iria apanhar o 720 para o Calvário, ia sentindo a chuva miudinha na cara e no cabelo e a incomoda e estranha sensação que lhe deixara a mensagem recebida durante a tarde.

Susana era uma jornalista, obcecada por investigações históricas, e trabalhava atualmente numa reportagem sobre os contrabandistas de Lisboa no pós-terramoto de 1755.

A viagem de autocarro era longa e foi aproveitada para refletir sobre alguns factos da sua investigação. A importância dos contrabandistas de Lisboa, no reequilíbrio da economia de Portugal e do poder de compra dos portugueses, sufocados pela política de retenção da moeda vigente e da proibição de exportação de metais preciosos, no tempo que antecedeu o terramoto, só foi suplantada pelos movimentos comerciais ilegais, após a grande catástrofe, que permitiram, em grande parte, a alimentação e sobrevivência do povo da capital.

Os documentos a consultar eram muitos. A investigação estava a dar frutos e o texto estava a ganhar contornos apaixonantes que, certamente, iriam seduzir os leitores. Tudo estava de feição, o que

agradava a um espírito metódico e pragmático como o da jornalista.

No entanto, a mensagem recebida durante a tarde intrigou-a fortemente, quer pelo conteúdo, quer pela forma pouco usual de envio, ou seja: em papel e pelo correio.

Apesar de este ser o seu dia de anos – 30 primaveras – como não tinha ainda nada combinado, resolveu seguir o seu instinto.

O envelope era antigo e amarelado. A mensagem era dactilografada, por uma antiga máquina de escrever que já devia ter conhecido melhores dias, tal era a irregularidade da escrita. Continha, apenas, um texto simples: “Eles ainda lá estão! Esta noite vai decorrer a transação suprema. O bairro dos contrabandistas vai voltar a brilhar.”

É claro que conhecia bem as ruas dos contrabandistas... A sua infância tinha sido marcada por brincadeiras antigas, rua a baixo e rua a cima, na Rua do Alvito e na Rua da Cruz. Era uma filha de Alcântara.

Por vezes, durante o princípio da adolescência, com o seu grupo de amigos, faziam incursões ao Largo de Alcântara, subindo a Rua do Prior do Crato – o célebre D. António último príncipe de Avis que foi derrotado pelo conde de Alba, na não menos célebre batalha de Alcântara e que abriu portas ao domínio espanhol em Portugal – até á Praça da Armada. O bairro dos contrabandistas exercia então, como agora,

um fascínio pela carga mitológica da transgressão, em relação às regras dos homens e do reino.

Susana conhecia bem a rua, o beco e o largo dos Contrabandistas, assim como as ruas adjacentes. A Rua da Correnteza de Baixo, Rampa das Necessidades, Travessa do Sacramento e muitas outras.

Toda a zona lhe era familiar. Mesmo depois de mudar para a Amadora e mais tarde para Telheiras, onde residia, as recordações daquela época continuavam a assombrar as suas memórias e a sua forma de vida. As lendas e as histórias, contadas pelos velhos que se sentavam em pijama nas cadeiras de praia, pelas noites de verão, à porta da Cooperativa de 18 de Março de 1886, na rua Feliciano de Susa, continuavam vivas e fascinantes, como se se referissem a pedaços perdidos de realidades longínquas.

São desse tempo as únicas lembranças de narrativas sobre o bairro dos contrabandistas que não encontrou em mais local algum. Um local entre o mágico e o maldito, mas ao qual Lisboa tudo deve. A sua soberania, a sua cultura e o seu esplendor.

Lendas contadas na noite, entre sussurros e confidência, com temor e respeito. De vez em quando, após ouvir atentamente as histórias sentada na calçada, levantava-se e descia espavorida as escadinhas da Travessa dos Surradores, com o seu casario baixo portador daquele charme eterno da degradação, e a Rua do Alvito, até à, agora inexistente, Rotunda de Alcântara, no fim da Avenida de Ceuta. Aí, já mais

calma, olhava reconfortada para o outro lado, para o largo do mesmo nome, como se a rotunda servisse de proteção contra os fantasmas do passado.

No fundo, sempre encarou tudo isto como lendas sem nexos, contadas por velhos que necessitavam de algum protagonismo. Afinal, o bairro dos contrabandistas era apenas um conjunto de meia dúzia de ruas estreitas que davam pelo nome de Beco dos Contrabandistas, Rua dos Contrabandistas e Largo dos Contrabandistas, no lado norte da Praça da Armada. Apenas três nomes, para designar um conjunto pitoresco de ruelas muito mais numerosas.

E, apesar do pragmatismo da sua forma de olhar o mundo, encontrava-se, atualmente, a escrever uma reportagem sobre os mesmos contrabandistas que povoavam o seu imaginário de infância. Uma aspiração que apenas conseguiu realizar após muito esforço e horas perdidas, a provar a sua dedicação e competência, num jornal mais interessado na realidade imediata e mediática do que nas realidades paralelas de submundos antigos.

Ouviu até dizer, nesses tempos de infância, que o seu avô era contrabandista. Nunca soube se era ou não verdade. Nem sequer tinha noção se alguma vez se preocupara com o assunto. No entanto, a verdade é que nos últimos tempos, durante a investigação para a reportagem que tinha em mãos, a memória dessa insinuação voltou a aparecer. Era também verdade que a situação lhe trazia alguma satisfação e, por vezes, até

algum orgulho. Sentimento, esse, que afastava de imediato, não sem algum, pequeno mas insistente, sentimento de repúdio e culpa. Vá-se lá saber porquê...

Foi durante estas conjeturas que o autocarro começou a descer a Infante Santo.

Susana Mateus despertou, subitamente, e ainda hesitou, mas teve a intuição súbita de sair na paragem da Cova da Moura, em vez de sair em Alcântara como tinha planeado.

A chuva continuava a cair levemente. *Chuva molha parvos*, pensou ao descer do autocarro.

Ignorando os salpicos de chuva e, sem se apressar, continuou, agora a pé, em direção à Pampulha, virando à direita para a Rua da Cova da Moura e seguindo pela esquerda pelo Hospital da CUF, na Travessa do Castro, em vez de continuar em frente até à Travessa do Tesouro.

Tem piada, pensou, uma Cova da Moura ao pé de um Castro, que leva como corolário a Travessa do Tesouro. Parece mesmo uma lenda de província...

Quando desembocou no fim da Rua das Necessidades ainda ia a meditar na estranha mensagem... “Eles ainda lá estão”. *Mas quem seriam eles? Os contrabandistas?... Não fazia muito sentido. E porque iria voltar a brilhar o bairro?*

Não conseguiu, também, ao avistar o Palácio das Necessidades de achar curiosa a sua história: Antigo Convento de São Filipe de Néri, uma

congregação de frades que não era obrigados a votos, nem de pobreza nem de coisa nenhuma, e que tal como os Jesuítas também se dedicavam à educação, mas, ao contrário destes, foram a instituição mais importante na expansão do Iluminismo em Portugal, o que lhes valeu a simpatia do Marquês de Pombal. Mais tarde seria a Casa Real oficial da Dinastia de Bragança.

Estranho. Porque teria D. João V mandado erguer um convento tão peculiar, logo acima do bairro dos contrabandistas? Mais estranho ainda, porque foi a família real viver paredes-meias com contrabandistas?

Afinal eram contrabandistas de quê? Aí estava uma coisa que nunca lhe disseram, nem se lembrava de ter ouvido nas histórias contadas à porta da Cooperativa de 18 de Março de 1886.

Virou, então, costas à Igreja-Palácio, atualmente Ministério dos Negócios Estrangeiros – *também não deixa de ser curioso, negócios estrangeiros e contrabandistas*, não pôde deixar de pensar com um sorriso – e desceu a rua. Não chegou a entrar na Rua do Sacramento a Alcântara, pois que, em frente às Urgências do Hospital da CUF, virou à direita numa ruela estreita. Aparentemente curta ao olhar.

Após a curva, em ângulo reto, aparece uma rua direita a perder de vista até à Rampa das Necessidades, paredes antigas, cuja degradação foi interrompida por algumas recuperações em tempo útil, e com alguns grafitis, calcetada com a antiga calçada

portuguesa, com paralelos de calcário nos minúsculos passeios e pedras irregulares de basalto na estreita parte central, por onde é pressuposto circularem veículos também estreitos, quase de certeza.

Acabava de entrar na Rua da Correnteza de Baixo. Acabava de entrar no bairro dos contrabandistas!

Imediatamente a chuva parou, imediatamente cessou o burburinho dos carros da cidade. Como veio a confirmar, mais à frente, o galo do campanário da Igreja-Palácio das Necessidades indicava bom tempo, como lhe tinha sido ensinado em criança. Bom tempo. Mas apenas neste bairro. Notou mesmo, sem admiração, que um ténue raio do por do sol, vindo do mar para lá da barra do Tejo, furava as nuvens e batia em cheio no casario à sua volta. Fenómeno, este, a que se habituara desde menina, aquando das suas incursões aventureiras da Rua do Alvito até à Praça da Armada.

E, como sempre, nem vivalma, nada nem ninguém. Nem gato, nem cão, nem gente. Nem sequer os pássaros. Os pássaros que abundam, logo acima, nas copas das árvores na Tapada das Necessidades. Apesar de existir no bairro alguns quintais verdejantes e algumas árvores.

Nada. Apenas o mesmo silêncio que recordava de outros tempos. A azáfama iria surgir ao anoitecer. As ruas cheias de gente a fazer não se sabe bem que serviços, os cães a ladrar esporadicamente e os gatos,

satisfeitos, em cima dos muros a namorar, entre miados e gemidos arrepiantes. Apareceriam também as aves da noite, os morcegos e uma ou outra coruja, se fosse dia de sorte.

Como ainda era cedo, ao número oito da Rua da Correnteza de Baixo virou à esquerda, no Beco dos Contrabandistas – que, curiosamente, não é, aparentemente, beco nenhum, pois todas as ruelas têm ligação umas com as outras e com várias saídas do bairro – e continuou em frente, ignorando a Rua dos Contrabandistas, à direita. Ao chegar ao final, se assim se puder dizer, do Beco dos Contrabandistas, desembocou na Praça da Armada e, conseqüentemente, no restaurante “Casa da Mariquinhas”, logo à direita.

Esta Praça sempre fora, para si, um mistério e um desafio. Um mistério pelo insólito das histórias que ouvia em criança e um desafio pela viagem, à época uma verdadeira aventura, da Rua do Alvito, vencendo a Rotunda e o Largo de Alcântara, palmilhando a Rua Prior do Crato, até a este local que lhe parecia tão distante, tão perdido, tão mágico...

Com a cabeça cheia de recordações, avançou alguns passos e deitou um olhar circular pela Praça da Armada. Lá estava o imponente edifício das Instalações Navais de Alcântara, o grande armazém do Arquivo Histórico da Guarda Nacional Republicana, ao lado do qual ficava mais uma entrada – umas escadinhas estreitas e inclinadas – para o bairro dos

contrabandistas, cuja fronteira é delimitada por uma fileira de edifícios altos e antigos, alguns degradados, mas com o charme de quem possui mansardas de telha vertical e restaurantes típicos no rés-do-chão. Os afamados “Tasca da Armada” e o “31 da Armada”.

O arvoredado domina toda a praça e apenas o chafariz, com a altaneira e dominante figura de Neptuno, abre uma clareira no lado norte junto aos restaurantes. A recordação do seu primeiro encontro com Neptuno, apareceu quase de imediato. Tinha talvez uns onze ou doze anos, e chegara cansada, eufórica e cheia de expectativas pelo desconhecido. A primeira imagem, deste mundo novo em que se iniciava, fora, precisamente, a figura fantástica de Neptuno, lá no alto, com o seu terrível tridente de bronze na mão direita. Tridente hoje inexistente, desaparecido, possivelmente roubado.

Susana voltou a admirar as carrancas, que sabia existirem nos quatro lados do chafariz, de onde, no passado, saíam bicas de água das bocas escancaradas, hoje secas, num esgar que poderia ser, facilmente, confundido com um sorriso. Uma face bem desenhada, rodeada de cabelos revoltos e florais, complementada por um nariz aquilino e insinuante e por um olhar perspicaz a fitar o firmamento, completava o quadro obscuro das suas personalidades.

Recordações de um passado que Lisboa vai perdendo, inexoravelmente, sem piedade e sem remorsos.

Não pôde, também, deixar de se aproximar, num misto de nostalgia e curiosidade, da porta número 24, onde um pequeno alpendre, de apenas uma fiada de telha portuguesa, está encimado por um grande e antigo relógio que, desde que se lembrava, marcava sempre a mesma hora, a uma. Afinal, nestes anos todos, ninguém se dera ao trabalho de o consertar. Continuava impiedosamente a marcar a mesma hora.

Sorriu. E a saudade de outros tempos cresceu suavemente, assolando-a.

Assolou-a, também, mais qualquer coisa, devido à hora certa dos relógios que funcionam: a fome. Afinal já era quase hora de jantar.

Teria de comer por ali. Pois viera mesmo para ver a noite, e as surpresas que a mensagem recebida prometia. Escolher o restaurante era a sua primeira dificuldade. Apesar de já conhecer de nome todos os restaurantes do local, os mais próximos do malfadado bairro, jamais entrara em algum. A escolha teria de ser algo intuitivo, ou em jeito de jogo ou brincadeira, como era seu hábito. Desde pequena que gostava de brincar com números e respectivos significados e, já que estava defronte do relógio no número 24, resolveu começar por ali. *Vejamos, interrogou-se, porque não o número 24, já que, no alfabeto, representa a letra X, que geralmente marca o local do tesouro? Não, primeiro porque é um estabelecimento devoluto. E, em segundo, o que eu pretendo é um restaurante. No entanto, o número 24 é considerado o número da*

sorte pelo somatório dos seus dois números 2 e 4. O número 6, considerado o número da criação, da união do bem e do mal do yang e do yin. Mas, pela subtração e divisão reporta para o número 2. O número que representa o lado tenebroso do dualismo que, por um lado, representa o feminino criador, por outro representa o Diabo e o mal. Já pela multiplicação tenho o número oito da justiça, equilíbrio, prosperidade e ressurreição. O portal entre o material e terreno e o que é etéreo e infinito, entre este mundo e outro, seja ele qual for. Do temporal para o intemporal.

Como, para Susana, a aventura da viagem à Praça da Armada e ao bairro dos contrabandistas foi uma entrada num outro mundo, além de não conhecer nada mais intemporal do que um relógio parado, decidiu-se pelo número oito. O número do portal metafísico. *Além do mais, recordou, quando se entra no bairro vindo do Palácio das Necessidades, entra-se pelo número 8 da Rampa das Necessidades que dá acesso à Rua dos Contrabandistas. Já quem vem do Hospital da CUF, entra no Beco dos Contrabandistas pelo número oito da Rua da Correnteza de Baixo. É oito com toda a certeza.*

Não havendo dúvidas olhou em volta, à procura do número 8, e constatou que não existia. Não teve outro remédio senão encontrar um anagrama numérico de oito, como fizera com o 24. E foi uma surpresa. Mesmo à entrada do Beco dos Contra-

bandistas lá estava o número 17, cujo somatório de 1 mais 7 é igual a 8.

Decidiu-se, assim, a entrar no número 17 da Praça da Armada para jantar. O mesmo restaurante pelo qual tinha passado ao nela entrar. Um conhecido reduto fadista. A “Casa da Mariquinhas”.

Talvez fosse o restaurante escolhido mesmo sem contas. Talvez devido à sua localização. Quem sabe...

Localizado e, mais correto ainda, comprimido entre a Rampa das necessidades e o Beco dos Contrabandistas, o prédio onde se insere é muito peculiar, para não dizer desenquadrado de todos os outros. É único. Parece quase uma moradia antiga, no meio dos prédios também antigos que são a muralha natural da Praça.

Prédio baixo, de primeiro andar e mansarda.

No rés-do-chão situa-se o restaurante, com duas portas e uma janela do lado esquerdo que, pelo desenho da cantaria, já terá sido porta também. A toda a largura, por cima das portas e da janela, está aplicado um toldo verde, onde se pode ler, a branco, “Fados e Guitarradas, Casa da Mariquinhas, Petiscos e Jantaradas”.

No primeiro andar, por cima do toldo, também a toda a largura, uma varanda em ferro trabalhado, com motivos quase fálicos, enquadra três portas envidraçadas, com uma vista privilegiada para a Praça da Armada. Vista, essa, que é partilhada pela última

porta da fachada, a do sótão ou mansarda, mesmo ao centro, elevando-se acima da parte superior do edifício, com uma pequena balaustrada em frente, à laia de varanda, na continuação do murete ou platibanda que rodeia todo o telhado.

Ou seja: uma fachada sem janelas! Uma fachada apenas de portas, sete, construídas para entrar e, talvez, também para sair. Um verdadeiro portal de sete portas.

Sete, o número mágico por excelência. Sete notas musicais, sete cores do arco-íris, sete arcanjos, sete pecados capitais, sete pragas do Egipto, sete os braços do candelabro dos judeus... A união entre o quadrado, a Terra e o terreno, e o triangulo, o céu e o espírito... A totalidade do universo em movimento. A cifra dos adeptos e dos grandes iniciados. Pensou Susana abismada. Nunca tal pormenor lhe tinha, anteriormente, chamado a atenção. Que raio de coisa ou arquitectura, logo aqui, no início do bairro dos contrabandistas. Será coincidência? E a varanda? Quase um hino à fertilidade...

Intrigada com esta descoberta e, com a curiosidade à flor da pele, entrou pausada e cautelosamente na sala.

Ao transpor a soleira da porta reparou, imediatamente, nos dois quadros negros, à esquerda, com a ementa e as especialidades escritas a giz. Ou melhor, a ementa e as especialidades atrás do balcão do bar, num quadro encostado à parede e no outro, por

baixo, na parte frontal do balcão, mensagens e poemas escritos pelos clientes, visitantes e fadistas.

Olhou em volta, devagar e com atenção, e constatou que o resto da decoração era a típica de uma Casa de Fados. Uma sala relativamente pequena, mesas robustas, de madeira escura, e cadeiras também de madeira, antigas, algumas forradas a cabedal, de vários estilos e épocas. Nas paredes as inevitáveis fotografias de noites de fado à antiga e cartazes de fadistas, músicos, touradas e eventos relacionados com o mesmo tema. À direita um banco corrido, espaldar às ripinhas, ocupava quase toda a parede. Sobre o qual, ao fundo, se abre um nicho, de portas de rede fina, que serve de garrafeira. Seguindo-se, ao canto, pendurados, os três símbolos do Fado: viola, guitarra portuguesa e xaile preto.

Um candeeiro de rua, de pé alto, no mesmo canto, aceso, compunha o cenário.

Ambiente de meia-luz. Era a primeira cliente dessa noite.

Uma mulher morena, cabelos negros escorridos, olhos negros insondáveis, de uma beleza mística quase cigana, indicou-lhe a mesa do lado direito, perto da entrada, e sentou-se. Só então reparou no resto da decoração. Atrás de si ficava uma das portas da rua, fechada e decorada com uma seringueira, a árvore-da-borracha, ficando alguns ramos por cima da sua cabeça. À direita, também sobre o banco corrido de espaldar de ripinhas, situava-se um nicho com uma

janela de fundo, onde uma ventoinha branca rodava, numa tentativa vã de renovar o ar. No seu parapeito, uma antiga máquina de costura, um antigo candeeiro a petróleo e mais uma guitarra portuguesa. Era a única janela visível no estabelecimento. E dava, diretamente, para a primeira artéria do Beco dos Contrabandistas.

Do lado esquerdo, do outro lado da sala, os quadros negros. Duas fiadas de prateleiras completamente cheias de garrafas, ladeavam o quadro central, que exibia a ementa do dia, por trás do balcão. No entanto, o que mais lhe prendeu a atenção, nesse espaço, foi a gaiola branca, de dois andares, vazia e insinuante, que pendia do teto por cima do bar.

Um homem, na casa dos sessenta e picos, cabelos grisalhos, distinto e simpaticuíssimo, trouxe-lhe a ementa. A morena e o seu olhar misterioso, tinham-se recolhido atrás do balcão.

Mesmo antes de abrir a ementa, pediu uma entrada de “peixinhos da horta”, iguaria tradicional portuguesa, que descortinou no quadro negro.

Pediu, também, uma taça de vinho tinto da casa.

O homem, o dono do restaurante como veio a confirmar mais tarde, anuiu com ares de grande senhor que servia uma rainha. E Susana sentiu-se como tal.

Que local agradável, pensou. E começou a relaxar das tensões desse dia de trabalho e da viagem de autocarro.

Dispôs-se, enfim, a estudar a ementa que lhe fora entregue com tanta gentileza.

Sopa de Tomate; Salada Russa com Lavagante ou Filetes Peixe-galo; Pasteis de Bacalhau com Arroz de Tomate; Carabineiros com Arroz Árabe; Favas com Entrecosto; Carne de Porco Salteada com Gambas e Açorda. Arroz Doce, Mousse de Chocolate, Doce de Amêndoa ou Fruta para a sobremesa. *Uma ementa catita*, observou com agrado.

Estava a decidir-se por uns pastéis com arroz de tomate quando foi surpreendida pelo dono do restaurante todo sorridente:

- Minha cara e jovem senhora, posso interromper por momentos? Os peixinhos da horta estão prontos. Posso servir?

- Claro, peço desculpa, mas estava distraída a explorar a ementa.

Voltou, então, ao balcão para ir buscar a taça de vinho e um pratinho de barro que pousou sobre a mesa. O feijão-verde estava confeccionado de uma forma magistral. O prato, além de apresentar um aspecto ótimo, era igualmente saboroso, como viria a comprovar.

- Obrigado. Que cheirinho... Se for tão bom como parece..., comentou Susana, na expectativa de um bom repasto.

- Tudo nesta casa é caseiro. Quase familiar. Nesta casa trabalhamos apenas eu, a minha mulher e uma senhora na cozinha, parente afastada da Beira

Baixa. Uma cozinheira fantástica, garanto. Vai ver que vai gostar.

- Vamos então a isto...

E, enrolando um dos feijões-verdes, o peixinho da horta, no garfo que levantou devagar, para não se pingar com o molho, levou aquela especialidade à boca.

O homem não desviou, nem por um décimo de segundo, o seu olhar penetrante daquela operação.

Susana, depois de saborear aquela garfada com deleite, exclamou:

- Fabuloso! Dê os meus sinceros parabéns à cozinheira.

Ele, então, sorriu.

- Está a ver? Era estranho que não fosse... E para Jantar? Já escolheu?

- Sim senhor! Começo por uma sopa de tomate, seguida de uns pastéis de bacalhau com arroz. E uma saladinha também vinha mesmo a calhar.

- Com certeza. Vou imediatamente tratar de tudo. Deseja mais alguma coisa?

- Por agora não. Mas, já agora, posso saber o seu nome? É apenas para não o tratar por “Faz favor”.

- Entendo, - retorquiu bem disposto - o meu nome é Joaquim, como a coluna de Salomão.

- Como?

- As colunas do Rei Salomão. Boaz e Jaquim. Boaz, a força e o poder de Deus, e Jaquim, a organização estável e a ordem de Deus.

- Ah! Compreendi. E onde está Boaz?

Joaquim sorriu... Mas não respondeu. Disse apenas:

- Até já, minha menina. - E foi dar seguimento ao pedido.

Como a pergunta era de retórica, como se costuma dizer, Susana não atribuiu qualquer importância ao assunto, concentrando-se, antes, no degustar dos “peixinhos da horta”, acompanhados pelo excelente vinho tinto da casa.

Enquanto se ia perdendo naquela espiral de sabor e nas suas conjecturas sobre os contrabandistas, a sala foi, gradualmente, sendo invadida por clientes que ocuparam quase totalmente as poucas mesas existentes.

Também não deu pelo passar do tempo, enquanto ia repassando o seu olhar pela sala. Naquele conjunto de objectos típicos, tradicionais ou simplesmente estranhos que povoavam as suas paredes, havia algo que a incomodava.

Ainda estava com essa estranha sensação, quando foi surpreendida pelo sorriso de Joaquim:

- Posso servir o jantar?

- Claro, claro. Obrigado.

E, durante a troca de pratos, descobriu finalmente de onde vinha aquele sentimento incómodo que a assolara.

A gaiola branca. A Gaiola branca, vazia, de dois andares, pendurada do teto sobre o bar.

Não conseguindo conter-se, perguntou:

- Sr. Joaquim, posso fazer-lhe uma pergunta? É apenas uma questão de curiosidade. Se achar que não estou a meter-me demasiado... A meter o nariz onde não estou a ser chamada.

- Minha menina, estou aqui para a servir. As perguntas e respostas fazem parte da minha profissão. Pergunte! Se eu souber...

- É sobre a gaiola branca. O que faz aqui uma gaiola vazia. Ainda por cima branca. Desculpe, mas não posso deixar de achar estranho.

- Ah! Isso.

O seu sorriso alargou-se ainda mais. Olhou em volta, para ver se o chamavam de alguma mesa. Como nenhum cliente parecia precisar dos seus serviços imediatos, decidiu-se a falar:

- O que lhe vou contar é uma história um bocado estranha. Mas já que perguntou... É assim. Há já alguns anos atrás adquirimos esta gaiola, de uma cor normal de gaiola, como todas as outras gaiolas. Lá dentro vinha um rouxinol. Pendurámo-la onde ainda hoje se encontra. No entanto, surpresa das surpresas, o rouxinol não cantava. Nem de dia, nem de noite. É sabido que os rouxinóis cantam geralmente de noite. É por isso que em muitas línguas a palavra noite aparece no seu nome. Em inglês, nightingale, em alemão, nachtigall, e por aí fora. Pensámos que fosse um pássaro mudo. Mas passado algum tempo descobrimos o mistério. O rouxinol pôs um ovo. Afinal era uma

fêmea. E, como é sabido, as fêmeas não cantam. Apesar de, por essa razão, não nos podermos deliciar com o seu chilreio, ficámos, ainda assim, muito contentes. Afinal iríamos ter um novo membro nesta nossa família da “Casa da Mariquinhas”. Como é normal, acompanhámos o chocar do ovo com carinho e expectativa. Quase duas semanas depois, o bebé nasceu. Foi a alegria na casa. Até abrimos uma garrafa de champanhe.

- Que história bonita, - diz Susana sorrindo.

- Não se ponha a tirar conclusões apressadas.

Oiça o resto, por favor. Pois estávamos tão felizes que nem reparámos que a mãe da cria estava a ficar estranha. É verdade que percebemos que estava um bocado mais agitada do que habitualmente. Atribuímos isso à sua provável felicidade. E, nessa noite, fomos para casa com uma alegria e uma paz que nos fez dormir e sonhar com um mundo perfeito, como se fosse, também, nosso filho.

- Não vejo nada de estranho...

- Espere que já vai ver. De manhã, chegámos todos sorridentes e ansiosos por ver a feliz família da gaiola. Foi um choque. A mãe tinha morto o filho, à bicada, durante a noite. Soubemos, mais tarde, que é normal este comportamento dos rouxinóis em cativeiro. E a mãe, estranhamente, parecia ainda mais triste e desgostosa do que nós. Deixou de comer, isolando-se num dos cantos, no fundo da gaiola. Passados alguns dias, morreu de um desgosto tão

profundo que deixou em todos nós um sentimento doloroso de luto. De tristeza sem fim.

- Meu Deus... - os olhos de Susana estavam a ficar húmidos de emoção.

- E foi por isso que decidimos pintar a gaiola de branco, da cor da paz, e nunca, mas nunca, voltar a aprisionar qualquer animal lá dentro. Passou, desta forma, de um símbolo de prisão a um símbolo de liberdade. A gaiola branca continua ali pendurada, vazia, para nunca esquecermos o valor da liberdade.

- É, na verdade, uma história muito triste, mas o final tem uma beleza pungente, algo que perdura. Acho que nunca irei esquecer esta história.

- A menina está a ver a gaiola, não está?

- Sim!?!...

- Ouça bem o que lhe digo. Enquanto aquela gaiola estiver vazia está tudo bem. - os seus olhos brilharam - Tudo bem! Entende?

Susana acenou lenta e afirmativamente com a cabeça, embora não compreendesse o objectivo da pergunta.

Joaquim - que fora entretanto chamado por outro cliente - afastou-se, lançando-lhe um último olhar.

Parece deveras emocionado, notou Susana, dando a primeira colherada na deliciosa sopa de tomate.

Mais tarde, quando serviu os pastéis de bacalhau, Joaquim voltou a abordar o tema, mas de uma forma diferente:

- Sabe que existem várias espécies de rouxinol? E que cada uma tem o seu significado? Rouxinol-do-mato; rouxinol bravo; rouxinol dos caniços; rouxinol do Japão, e muitos, muitos mais. Podem significar amor, tentação, tristeza, inspiração, etc.

- E qual era o vosso?

- Para mim era o mais especial, era o rouxinol comum, português.

- Que significa...

- É o símbolo da poesia... Afinal, esta é uma casa de fados.

- Por falar em fados...

- Tenha paciência. Os fados são um bocado mais tarde, lá pelas dez e meia, onze horas.

- Obrigado, mais uma vez.

- De nada. - retribuiu Joaquim, afastando-se em direção a outra mesa - Se precisar de mais alguma coisa é só chamar.

Susana baixou a cabeça e voltou a concentrar-se na refeição.

Não conseguiu, no entanto, esquecer a história do rouxinol.

Nightingale. Embora não falasse, fluentemente, tinha alguns rudimentos de inglês. *Night in gale. Vento pela ré na noite. Navegar ao sabor do*

vento durante a noite. Navegar em silêncio. Decididamente esta era uma ave simbólica para os contrabandistas.

Entre a refeição e as conjeturas o tempo foi passando.

Os músicos, dois, chegaram por volta das onze horas. Aproximaram-se da mesa do fundo, junto do Candeeiro de pé, que lhes estava reservada. Traziam ambos os respetivos instrumentos, guitarra portuguesa e viola. Cumprimentaram o dono da casa e alguns clientes, e sentaram-se em amena cavaqueira.

Os fadistas foram chegando um pouco mais tarde, um a um. O primeiro, um artista magro, na casa dos quarenta. De seguida, uma cantora que não deveria ter mais de vinte e cinco anos, loira e altiva, distribuindo sorrisos pela sala. E, por fim, uma sexagenária, a atirar para o forte, com o ar concentrado de quem domina completamente o ambiente.

Susana, olhou para o relógio de pulso e comentou, em silêncio, apenas para si: *já agora fico mais um bocado, vou ouvir alguns fados antes de me aventurar no bairro dos contrabandistas.*

- Sr. Joaquim! - chamou, então, de dedo no ar para melhor visibilidade.

- Sim minha menina? Pretende mais alguma coisa, talvez uma sobremesa?

- Precisamente. Pode trazer-me um docinho de amêndoa, por favor?

- É para já. - e, antes de se afastar, para dar seguimento ao pedido, perguntou ainda – Vai ficar para os Fados?

- Claro que sim! Não posso ficar muito tempo, mas vou ficar ainda um bocado. Talvez até à meia-noite e meia, uma da manhã.

- Ótimo. Não se vai arrepender.

Foi já, enquanto degustava o doce de amêndoa que entraram os últimos fadistas.

Eram quatro. Entraram todos juntos. Botas caneleiras, calças de ganga, e camisa de flanela axadrezada, por baixo de um pulôver do mesmo tom de cor.

Tão betinhos, pensou, enquanto os observava, constatando, com surpresa, que se pareciam anormalmente uns com os outros. Cabelos revoltos, nariz aquilino e olhos perspicazes. Possuidores de uma beleza discreta mas insinuante. Correram todas as mesas, cumprimentando, pessoalmente, todos os presentes. Todas as mesas excepto a sua. Embora tivessem olhado na sua direção e sorrido, hesitaram, no último momento, e apenas a cumprimentaram de longe, com um aceno mudo de cabeça. Ao qual Susana respondeu da mesma forma.

Quando Joaquim lhe serviu o café, não conseguiu conter-se e perguntou:

- São gémeos? - e indicou com um aceno de cabeça os quatro fadistas.

- Parece que sim... - Respondeu, sorrindo, brindando-a com um cúmplice piscar de olho.

Susana sorriu também. E dispôs-se a relaxar e a ouvir o início dos fados.

Os fadistas eram excelentes. O vinho também. O petisco a condizer.

A noite foi passando. Agradável.

E o objectivo da sua presença, naquele local, quase ia ficando votado ao esquecimento.

No entanto, e apesar de se encontrar fascinada e reconfortada, quer pela música quer pelo vinho, aproveitou o último fado dos quatro, pressupostos, gémeos para pedir a conta e pagar.

Despediu-se do Sr. Joaquim, recebendo como resposta um sorriso e um olhar interrogativo sobre se tudo tinha sido do seu agrado, ao qual respondeu afirmativamente com um ligeiro movimento de cabeça. Por fim voltou-se, acenando com a mão à enigmática morena que a seguiu lentamente com os seus insondáveis olhos negros, e saiu.

Lá fora a chuva miudinha tinha voltado, e a Praça da Armada reflectia a luz dos candeeiros no chão molhado. Passou um autocarro vindo da Rua Prior do Crato, atirando água para todos os lados ao passar, como um elefante saltitante, nos buracos da rua irregular. Susana seguiu-o inconscientemente com o olhar, até desaparecer ao fundo, pela rua do Sacramento no sentido da Pampulha.

Ficou parada, fixando durante alguns segundos o fundo da praça, por onde se escapuliu o autocarro. Foi, então, que, ao virar-se naturalmente para a esquerda, reparou em algo deveras estranho.

Na base da estátua de Neptuno faltavam as carrancas.

- Que raio de coisa... - exclamou em voz alta, não se conseguindo conter, ao mesmo tempo que consultava o relógio de pulso - uma da manhã?...

Que altura estranha para fazer obras, pensou.

Movida pela curiosidade aproximou-se da estátua, e dos buracos negros, quadrados, onde ainda antes de jantar se encontravam as quatro carrancas. Deu uma volta em redor do chafariz, descobrindo, espantada, que a porta situada nas suas traseiras, a meia altura dando acesso ao seu interior, se encontrava aberta.

Decidida a esquecer aquele estranho assunto, dirigiu-se para a entrada do Beco dos Contrabandistas, ao lado da Casa da Mariquinhas.

E foi nessa altura que viu algo ainda mais estranho. Algo realmente tão insólito, ao ponto de lhe tolher o passo e estacar, lívida, em frente do número vinte e quatro da Praça da Armada. O relógio. O relógio que sempre conhecera parado na uma hora, desde a sua infância, o relógio intemporal, parado como sempre estivera, como tinha constatado antes de entrar no restaurante. O relógio... Desconcertantemente... marcava uma hora e cinco minutos. O

relógio estava novamente a trabalhar. E, pelas suas contas, tinha começado a trabalhar, precisamente, no exato momento em que saíra da Casa da Mariquinhas.

Meu Deus... Mas o que é que se passa aqui?

E, cada vez mais intrigada, continuou em direcção ao Beco dos Contrabandistas.

Os quatro, pressupostos, gémeos fadistas, por ela apelidados de betinhos, estavam nesse momento a sair do restaurante.

Estranho, notou Susana, a esta distância e á luz dos candeeiros do restaurante parecem mesmo de outro mundo, fantasmagóricos na sua anormal igualdade. E, também, completamente idênticos e fantásticos, na sua também anormal beleza.

E, enquanto se aproximava e entrava no bairro dos contrabandistas, teve a noção, não propriamente uma certeza – estava a subir a rua, de costas voltadas para a praça onde se encontravam –, de que os irmãos se separavam: um foi em direcção ao arquivo Histórico da GNR, dois começaram a subir a Rampa das Necessidades e o último, isto tinha ela a certeza, ficou parado em frente ao Beco dos Contrabandistas com o olhar cravado nas suas costas.

Foi esse olhar insidioso, apenas persentido com uma força e uma insistência incómodas, que fez nascer no seu íntimo um desconforto e uma sensação quase de temor, de receio indefinido mas presente.

Tentou afastar essa ideia, esse receio. No entanto, não conseguiu deixar de pensar no estranho movimento dos gêmeos. E fez contas.

Um ali em baixo à entrada do beco. Outro ao pé do Arquivo no início das escadinhas do Largo dos Contrabandistas. Dois na Rampa das Necessidades que, se as minhas contas estiverem certas, podem dividir-se pela entrada da Rua dos Contrabandistas e pela Rua da Correnteza de Baixo, onde se encontra a outra entrada do Beco dos Contrabandistas. Quatro entradas, ou saídas, as únicas conhecidas do bairro dos contrabandistas. Quatro gêmeos... Cercada. Estou cercada! Descobriu, já um tanto assustada.

Não, não pode ser, deve ser apenas a imaginação a pregar-me uma partida.

E voltou-se, abruptamente, para encarar o gêmeo na entrada do beco.

Mas... Nada!

Nem uma sombra. A entrada da rua estava deserta.

- Como? – exclamou, completamente surpreendida.

Será que as minhas contas estavam erradas? Afinal tudo não passou de um devaneio da minha imaginação...

Respirou profundamente, com alívio, e virou-se para continuar, reparando, sem surpresa, que dentro do bairro a chuva miudinha estava ausente e

um vento suave e t pido pairava pelas ruelas... Até o empedrado da calçada se mantinha seco.

No entanto, e isso sim com surpresa, não deixou de reparar no silêncio e na ausência de pessoas e movimentos de antigamente.

Foi quando um ruído, uma espécie de restolho ou raspar na areia, a fez voltar de novo.

A rua continuava deserta.

Mas que raio?... Nada?

Ja já para desistir e voltar novamente para a explora o do Beco dos Contrabandistas, quando o ruído se fez ouvir de novo... agora mais nítido e arrepiante. Afinal vinha de cima.

Susana levantou os olhos para encarar as sombras da parte de cima do primeiro prédio, junto   Praça, de onde, reparou, ca a uma fina areia em p , como se estivessem a raspar o reboco das paredes.

Semicerrou os olhos, para conseguir perscrutar as sombras, e, realmente, conseguiu ver qualquer coisa.

Não! Não pode ser. Deve ser outra vez a minha imagina o.

O que descortinou nas sombras assustou-a de tal forma que quase entrou em pânico. Estava a ver o impossível. Uma perna vestida de calças de ganga, com uma bota caneleira, recolheu-se na sombra. Mas não de uma forma qualquer. Recolheu-se num gesto gracioso e elástico de aranha, ficando a pairar no escuro total, l  em cima onde a vista não chegava.

Nesse momento, voltou a sentir aquela sensação estranha de estar a ser insidiosamente observada. Não conseguia ver nas sombras, mas teve a certeza arrepiante de uma presença que a observava, conseguindo ler claramente na sua alma.

Sentiu-se nua e realmente assustada. A presença estranha saltar-lhe-ia em cima, se tentasse voltar para trás. Não sabia como explicar essa convicção, mas acreditava ser essa a verdade.

Será que aquelas calças e botas pertenciam a... nem em pensamento conseguia articular o que supunha ser a verdade. Uma verdade impossível e aterradora.

Tomou, então, a decisão. Virou-se e afastou-se em direção ao fundo do primeiro lance do Beco. Acelerou inconscientemente os passos, tropeçando, de quando em quando, nas escadinhas que ladeiam a atabalhoada e remendada calçada portuguesa da rua, à laia de passeio. E, embora essa secção do Beco fosse curta, pareceu-lhe uma eternidade o pouco tempo que levou a chegar ao fundo.

O ruído de restolho continuava.

Dobrou a esquina, à direita, e começou a correr pela rua estreita e ainda mais curta. O chão passou a ser de cimento e voltou a tropeçar numa tampa de betão, talvez de esgoto, saliente. Equilibrou-se agarrando-se no gradeamento da única janela existente na parede do lado direito. Atingiu, assim, rapidamente a próxima esquina à esquerda.

Continuava a sentir a presença atrás de si. Não sabia como nem onde. Mas vinha lá. Atrás. Implacavelmente.

As escadinhas que se abriam, subindo à sua frente, iluminadas pelo candeeiro da esquina, estavam pejudadas de plantas verdes, muitas plantas, em vasos, canteiros, caixas no chão, nas portas e janelas e, até, veja-se bem, em cima de um frigorífico que, estranhamente, estava na rua encostado a uma parede. Ou seja, uma verdadeira selva urbana em miniatura, com apenas uns poucos dez ou quinze metros de comprimento.

Por momentos, chegou a imaginar que era uma presa em fuga numa verdadeira selva, algures num local irreal, bem longe daquele bairro que, pela primeira vez, lhe estava a pregar um valente susto.

Correu escadas acima, derrubando alguns vasos, ainda desorientada pela incrível visão que lhe retirara o natural controlo e equilíbrio, emocional e físico.

Apenas sabia uma coisa. Queria chegar o mais rapidamente possível ao cimo das escadinhas e sair do bairro pela Rua dos Contrabandistas, à esquerda, o caminho mais perto para o bulício da cidade e, talvez, para o refúgio da “Casa da Mariquinhas”.

Afogueada, cheia de esperança e rezando para que o seu raciocínio, sobre a hipótese de estar cercada fosse apenas um produto delirante da sua imaginação, chegou ao fim da estreita e exótica rua.

Mas... os seus piores receios tornaram-se realidade. Um dos gémeos encontrava-se de braços cruzados, em cima do tejadilho de um carro, à entrada da Rua dos Contrabandistas junto à Rampa das Necessidades. Ao vê-la avançou, lentamente, com passos firmes por sobre os tejadilhos dos carros estacionados, deixando no ar um som metálico de chapa a amolgar-se.

Apesar do medo, foi já sem surpresa que descobriu outro gémeo, vindo do lado oposto e mais estreito da mesma rua, num andar pachorrento, tendo por trás o arco branco, ao fundo, já perto da saída para a Rua da Correnteza de Baixo.

Estava encurralada!

Ou melhor, apenas lhe restava um caminho.

Como não podia voltar para trás e tinha as duas saídas possíveis cortadas pelos impossíveis gémeos, não tinha outra alternativa. Assim, deu a volta à esquina da rua das escadinhas pelo lado direito e, muito a contragosto e cada vez mais assustada, enfiou por uma rua ainda mais estreita que vai dar, precisamente, ao coração do Beco dos Contrabandistas.

Com a pressa chocou com um tradicional tanque de lavar a roupa em cimento – um entre muitos por todo o bairro dos contrabandistas, pois por aqui ainda hoje se lava e se põe a secar a roupa ao ar livre – postado logo no início da atafalhada rua. Cadeiras velhas, moveis partidos, tábuas inchadas pela humidade. Uma série indefinida de obstáculos que

adivinhava mais do que via. A luz era escassa, resto de reflexos das outras ruas. O empedrado do chão, maioritariamente de basalto negro, também não ajudava.

Continuou correndo e tropeçando, aqui e ali, descendo em direção a um pequeno largo, onde desembocou atarantada. Continuava a ouvir o restolho, os passos pachorrentos e algo parecido com saltos cadenciados, de tejadilho em tejadilho, de telhado em telhado.

Apesar do medo parou, indecisa.

Tenho de pensar... Não posso fugir às cegas.

Sentia o peito descontrolado num arfar nervoso. Não era o muito que tinha corrido, pois tinha sido muito pouco. Era mais o medo e o irreal da situação.

Isto não pode estar a acontecer...

E, ali à entrada do largo, apoiou-se no pequeno chafariz por baixo de uma frondosa seringueira.

Milagre!

Fez-se imediatamente silêncio. Deixou de ouvir os terríficos sons dos terríficos gémeos.

Essa agora.

Esta inesperada pausa deu-lhe tempo para refletir.

É verdade que posso tentar fugir pela direita e chegar pela via mais rápida à “Casa da Mariquinhas”. Mas se o gémeo aranha lá continuar, não vou ter escapatória. Por outro lado, posso tentar fugir pela esquerda pelo Largo dos Contrabandistas.

Mesmo que a saída das escadinhas da Praça da Armada esteja bloqueada pelo quarto gémeo, ainda tenho algumas hipóteses de fugir pelas ruelas que vão dar à entrada do beco pela Rua da Correnteza de Baixo, logo ao lado do arco branco... Isto se os outros se mantiverem atrás de mim.

E decidiu arriscar.

Desatou a correr pelo empedrado, passando pela ruela sem saída logo à esquerda, enveredando pela rua ladeada de paredes descascadas, de reboco e pintura, em direção ao referido largo.

Foi matemático. O restolho, os passos pachorrentos e algo parecido com saltos cadenciados, de tejadilho em tejadilho, de telhado em telhado, voltaram de imediato.

Chegou num ápice à entrada do Largo dos Contrabandistas, cujo acesso se faz por duas passagens, uma inferior, estreita e escura, e outra superior, mais larga e desafogada, iluminada pelo mesmo candeeiro de ferro forjado que ilumina o próprio largo. Nesta noite a luz e as sombras eram ainda mais fantasmagóricas. Insolitamente inúmeros varais – varas longas e fortes – levantavam-se da calçada, presos uns aos outros e às paredes por longos cordéis de onde pendiam infindáveis lençóis brancos que esvoaçavam ao vento suave da noite, como fantasmas ondulantes à espera dos mais incautos.

Pela passagem de baixo, junto ao gradeamento de proteção do prédio do lado direito, conseguiu

avistar, novamente sem surpresa, o quarto gémeo, sorridente, no cimo das escadinhas.

Atrás de si o restolho e os saltos cadenciados; da esquerda, na rua que leva ao arco branco, o andar pachorrento; à sua frente, ao fundo, o sorriso insinuante do quarto gémeo.

No largo, os lençóis esvoaçantes, o candeeiro e... uma seringueira.

Ao fundo do largo, outra ruela, à esquerda, a possível saída. Lembrava-se bem onde ia dar: ao arco branco. À saída.

Não hesitou... nem esperou mais um momento. Correu pela passagem de cima numa tentativa de passar pelos lençóis e fugir pela ruela.

Mas, no momento em que entrou no largo e nos lençóis, sentiu a presença insinuante dos gémeos que arranhavam o tecido branco e a empurravam em todas as direções. Ouvia e sentia ruídos estranhos, risos, rugidos, fados impossíveis e o eterno restolho. Sentia um movimento constante em volta de si e, tinha a certeza, em volta da sua alma.

Foi o suficiente para entrar em pânico.

Possuída pelo terror, continuou a correr, mas agora às cegas, derrubando varais, rebentando cordéis e enredando-se no tecido branco dos fantasmagóricos lençóis.

E, quando tudo parecia perdido, novamente o silêncio.

Nada, absolutamente nada. Como se tudo não passasse de um produto da sua imaginação.

Foi quando descobriu que se encontrava debaixo da seringueira que tinha avistado.

Outra vez? Estranho.

No entanto, a urgência das decisões a tomar não lhe deixava tempo para desenvolver teorias sobre coisas em que ainda lhe custava a acreditar.

Mais uma vez a decisão foi rápida. Aproveitou a inatividade dos gémeos para voltar a correr e atingir a ruela.

Os gémeos seguiram-na de imediato com os seus respectivos ruídos aterradores. Aproximando-se cada vez mais. Cada vez mais perto. Cada vez mais próximo de um final impossível de evitar.

Muito estreita e encimada por diversas parabólicas alinhadas na parede sobre a calçada, a ruela ia dar ao número 1 do Beco dos Contrabandistas. Teoricamente o princípio, mas para Susana, quase já sem esperança, parecia-lhe mais o princípio do fim.

No entanto continuou, virou à esquerda, única alternativa a meio da ruela, e abrandou o passo, desesperada, parando junto à parede.

Atrás de si, o andar sorridente, nas paredes, o restolho, e por cima de si, nos alpendres, verdadeiros tetos da rua em fibra de vidro e lusalite, o característico saltitar cadenciado. Mas... Terror puro. À sua frente, ao fundo da ruela, debaixo do arco branco, estava o gémeo do andar pachorrento.

Desta vez estava mesmo encurralada. Não conseguia vislumbrar qualquer saída.

Deixando-se ultrapassar pelos acontecimentos, abateu-se, cansada, possuída pelo medo e pelo terror. Devagar, acororou-se, fletindo lentamente as pernas com a cabeça entre as mãos.

Num último movimento de desespero, levantou a cabeça para olhar o céu, numa prece muda.

E tudo mudou.

Estava em frente ao número 8 do Beco dos Contrabandistas.

Número 8! A saída! A haver outra saída tem de ser aqui.

Olhou em volta e, nesse momento, teve a revelação.

Recordou-se, então, de vários episódios passados nos últimos minutos: da “Casa da Mariquinhas” onde os gémeos não se aproximaram para a cumprimentar como fizeram com todos os outros clientes, do descanso encostada ao chafariz e do silêncio que se instalou, da corrida cega por entre os lençóis e da repentina inatividade dos gémeos.

O ponto comum a tudo isto só pode ser um: estava sempre debaixo de uma seringueira!

É isso! Só pode ser! E, apesar de acororada e desesperada, ali em frente ao número 8, sentiu nascer dentro de si uma réstia de esperança. Logo ao lado, no local de uma casa demolida, – um terreno de terra batida, depósito para os mais indescritíveis objectos,

de velharias a restos de madeira plásticos e lixo – erguia-se uma enorme seringueira... E esta, não era apenas uma espécie de santuário ou proteção. Os seus ramos cresciam para lá do Beco dos Contrabandistas. Os seus ramos erguiam-se, lá no alto, sobre a Rua da Correnteza de Baixo. Os seus ramos eram a saída.

Num último esforço, levantou-se e correu desesperadamente, tentando transpor os últimos metros que a separavam da liberdade, quando aconteceu o inevitável...

Primeiro ouviu o restolho, seguido das unhas do gémeo aranha a serem cravadas no ombro, dilacerando-lhe a carne frágil e rasgando o tecido do vestido, tingindo-o de sangue.

Susana gritou, mas continuou a correr para a seringueira.

Faltava apenas um passo para a zona de santuário, para a proteção, quando, numa sucessão de saltos cadenciados, lhe caiu um gémeo em cima, com toda a violência do seu peso projetado da altura de um telhado.

Susana não aguentou e caiu estatelada naquele chão imundo, com o corpo ensanguentado, a boca cheia de saliva e terra e os olhos cheios de lágrimas e pó.

Os outros gémeos aproximaram-se para terminar o trabalho... pachorrentos e sorridentes.

Susana gritou! Agora mais de raiva do que de terror e, num movimento desesperado, esticou o braço e a mão, num gesto inútil, em direção à seringueira.

Os gémeos riram-se, num gargalhar diabólico... para pararem, subitamente, espantados.

Uma mão estranha, verde e vegetal, saía da árvore, aproximando-se lentamente da mão de Susana e, num aperto firme, puxou-a docemente para junto da seringueira.

Nesse momento, o desespero dos gémeos era já notório.

E os ramos, numa delicadeza extrema, ergueram a jornalista e, passando-a destramente de uns para os outros, depositaram-na lá em cima, na Rua da Correnteza de Baixo.

Estava, aparentemente, livre.

Os gémeos, raivosos e desesperados, saltavam e arranhavam o chão, numa dança quase satânica.

Susana levantou-se lentamente, dorida, e ainda sem acreditar no que tinha acontecido. A seringueira continuava seringueira, como sempre. Nada fazia lembrar o irreal dos seus gestos. Nenhuma prova restava do heroísmo da seringueira.

A calma que se seguiu a esta aventura deixou Susana num estado de euforia e alívio. Meio cambaleante, abalada no mais profundo do seu ser, dirigiu-se para o fim da Rua da Correnteza de Baixo.

Ao entrar na Travessa do Sacramento, frente ao Hospital da CUF, virou à esquerda, não sabendo

bem porquê, cumprindo uma espécie de premonição, guiada por um atavismo desconhecido. Recomeçara a chover... Tal e qual como nas suas recordações de infância.

Mas, em vez de virar para a Travessa do Castro, continuou pela Rua das Necessidades, em direção ao Ministério dos Negócios Estrangeiros – a Igreja/Palácio das Necessidades.

Curiosamente, havia na zona uma claridade estranha, como se um sol particular brilhasse frente ao edifício.

No centro do Largo das Necessidades, destacava-se a peça escultórica, considerada a mais antiga da cidade, o Obelisco Aquático, formado por quatro carrancas de bochechas cheias preparadas para o ato de soprar, génese da vida, guardadas por oito terríveis tritões, e, no centro, um obelisco alto, em pedra, emergindo da água, símbolo de poder e varonia, rematado por uma custódia de espinhos e uma cruz em bronze, também reproduzidas no frontão da Igreja, evocando o culto mariano da Nossa Senhora das Necessidades – a Igreja do Palácio.

Era aí mesmo que nascia aquela estranha luz. A custódia de espinhos, habitualmente de metal puro e duro, brilhava intensamente como se de uma estrela se tratasse.

Susana abriu a boca para exclamar qualquer coisa, mas não saiu nenhum som...

Ficou ali, cambaleante, abismada e, ainda, assustada.

Impossível!, pensou – entre o espanto e o horror –, *Tudo isto é simplesmente impossível!*

E, mais impossível do que tudo isto, era o raio de luz que, saindo da custódia e furando os pingos da chuva, se projetava na porta da Igreja, conferindo-lhe uma luminosidade quase mágica.

Susana parou, no meio do largo, entre o obelisco e a igreja, suja, rasgada, ensanguentada, assustada, molhada, admirada e de boca aberta...

Com passos curtos, inseguros, hesitantes, aproximou-se da porta iluminada da Igreja. Ladeando a grande porta maciça lá estavam, contrastando simbolicamente com Rômulo e Rémulo, os apóstolos fundadores da Roma cristã: São Pedro e São Paulo. A famosa dupla construtora de impérios.

E, mais impossível ainda, encimando a imponente porta, um círculo de mármore brilhante, luminoso: um relevo representando a Nossa Senhora das Necessidades, com o Jesus menino ao colo. Esta imagem, que desde sempre contou com a devoção das gentes do mar, apresentava uma terrível característica que até então passara despercebida a Susana.

O menino de colo, Jesus, filho de Deus, estava decapitado!

Esta constatação, a chuva, a estranha luz do local, somadas a todas as peripécias, no mínimo estranhas, que lhe tinham acontecido ao longo da

noite, fizeram com que se abatesse sobre os degraus da frontaria, diante da porta.

Ali, de joelhos, levantou os olhos desesperada.

E, se procurava alguma pista para compreender a insanidade dos acontecimentos, mais espantada ficou quando, na ausente cabeça do menino, se formou um crescente novelo de luz.

Uma luz tão forte que a deixou cega.

Foi então que, do novelo de luz, cada vez mais forte e absorvente, se formou um raio luminoso. Projetando-se da imagem, o raio atingiu Susana no peito, lançando-a numa inconsciência profunda que a deixou estendida no chão de pedra.

Simultaneamente, a custódia em mármore do frontão da igreja iluminava-se e um raio ainda mais forte subiu no firmamento, descerrando as nuvens enquanto se perdia entre as estrelas.

Subitamente, nada!

Nada de luzes estranhas.

A escuridão tinha voltado, apenas rasgada pelos candeeiros do costume.

Prostrada nos degraus, Susana acordou, estonteada mas possuída por uma paz desconhecida.

Olhou para o lado do bairro dos contrabandistas e descobriu os gémeos, deambulando e contorcendo-se frustrados por cima dos telhados que ficavam ao nível ou abaixo do Largo das Necessidades.

Finalmente começava a ter consciência do que a tinha trazido ali.

Sabia agora onde tinha de ir para conhecer o resto da história.

Assim, dirigiu-se para as escadinhas que davam acesso à Rampa das Necessidades.

Os gémeos, apercebendo-se do facto, começaram a aproximar-se, rosnando ameaçadores enquanto desciam pelas paredes.

Mas o medo e o terror tinham desaparecido.

Susana estava em paz e plenamente confiante. De tal forma que, ao ouvir o ruído de pedra a desagregar-se junto da fonte das Necessidades, nem sequer se virou.

Os tritões, como num conto de horror, tomaram vida e lançaram-se na sua direção com o seu corpo de golfinhos e dentes assustadores, saltando por entre a calçada como lobos alucinados.

Susana apenas abrandou, permitindo que a rodeassem e mantivessem os gémeos à distância.

Foi com esta estranha escolta que entrou novamente no bairro dos contrabandistas. Os seus passos, agora firmes e seguros, dirigiram-se para o ângulo do Beco dos Contrabandistas. Para o centro daquele mundo inebriante.

Ao dobrar a esquina já sabia o que a esperava.

Para além dos rugidos dos gémeos e dos tritões lá estava a seringueira sobre o chafariz, fonte da vida, e debaixo de um velho alpendre de fibra de vidro, numa velha cadeira de descanso estava o Sr. Joaquim da “Casa da Mariquinhas”. Estava sentado, sob o

número 28. O outro oito da estranha numeração do Bairro. Como se fosse um reforço ou duplicação do portal que, agora, tinha a certeza de existir.

Joaquim sorriu e estendeu-lhe um pequeno banco de madeira e verga, convidando-a com um gesto suave.

Convite que aceitou naturalmente, sentando-se com uma pergunta premente na cabeça: *Afinal o que se passa? Porque me sinto assim?*

Como que adivinhando a pergunta Joaquim retorquiu:

- Diga-me uma coisa. Qual o seu nome completo?

- Susana Maria Lisboa Mateus.

- Só podia ser...

- Só podia ser... como? – perguntou Susana intrigada.

- Entre a inocência simbólica de Susana, como no Livro de Daniel onde é absolvida depois de injustamente acusada por dois velhos libidinosos que a espreitaram enquanto se banhava nua, e a principal palavra de Deus representada pelo apóstolo Mateus, temos Maria Lisboa.

- E?...

- Maria a Deusa mãe, fonte da força e poder de Deus, como expliquei no restaurante, a segunda coluna de Salomão, Boaz.

- Maria Boaz? Não faz sentido...

- Não! Maria Lis Boaz.

- Lis?... O que quer dizer lis?

- A flor de Lis, com três pontas, que também é representado pelo tridente...

- ...de Neptuno. – concluiu Susana.

- A Chave do portal que divide dois mundos, o poder Divino e o poder Humano.

Nesse momento, Susana descobriu, na sombra por trás de Joaquim, o tridente que falta na estátua de Neptuno na Praça da Armada.

- O tridente... - apontou espantada.

- Que te pertence por direito, desde que foste iluminada pelo Cristo decapitado, símbolo da regeneração, da passagem do mortal para o imortal. Tal como o número 8 que rege todo o Bairro.

- Daí as entradas pelo número 8. Excepto as da Praça da Armada...

- Que têm Neptuno, o oitavo planeta do sistema solar. 8, portanto.

- Ah!... E as sete portas da “Casa da Mariquinhas” avisam os iniciados. Certo?

- Certíssimo!

Susana remeteu-se, por momentos, ao silêncio, para formular a pergunta que a atormentava:

- E Lisboa é...?

- Lisboa és Tu, completa, com o tridente. E mais completa ainda pela profecia 24:17, os primeiros números que encontraste na Praça quando chegaste, a linhagem de Cristo descendente de Jacó e Isaque.

Lisboa, como Cristo, é a detentora do portal entre o Divino e o Humano.

E, agarrando na peça de bronze com carinho, entregou-a a Lisboa, enquanto terminava a conversa.

- És a única herdeira do anterior Lisboa e estiveste sempre em observação. Desde o tempo em que os contrabandistas da Rua da Cruz te criaram, até cresceres e comemorares os 30 anos. Hoje. Como Cristo.

Lisboa ficou sem palavras, com o tridente nas mãos.

Levantou-se, lentamente, e ainda conseguiu balbuciar:

- A Travessa do Castro, do Tesouro, o Bairro dos Contrabandistas... Tudo um portal?

- Sim... Nós os Contrabandistas, como nos chamam, navegamos entre mundos e fomos recrutados para este portal pelos primeiros navegadores Templários que foram ao Amazonas, onde vivíamos há milénios entre civilizações entretanto desaparecidas. Somos o tributo desses guardiões do templo de Salomão. Trouxemos as nossas magias, entre outras as seringueiras que já conheces... Que são santuário, onde nada nem ninguém pode ser atacado ou incomodado, alojando no seu interior a mãe da seringueira, uma ninfa ou fada, que ajuda sempre os de coração puro. No fundo, é nossa missão entregar o tridente ao verdadeiro herdeiro.

- E o portal? Alguma vez foi utilizado?

- O Prior do Crato, príncipe de Avis, apoderou-se do tridente e tentou usá-lo, invocando um exército divino contra Espanha. Por isso escolheu Alcântara para a batalha.

- Onde aconteceu o que aconteceu.

- Por ser de linhagem real pensava ter o direito. Mas não... – confirmou Joaquim.

- Joaquim foi e é, assim, a ordem, a lei que controla...

- Boaz, neste caso Lisboa, é o poder Divino com a chave da porta entre este mundo e o outro... Por direito!

- Cristo era...

- Lisboa.

- Eu sou...

- Lisboa! – voltou a confirmar Joaquim – A chave para um novo império, sob o signo de São Pedro e São Paulo... Nas sete colinas... como Roma...

- O Quinto Império! – finalizou Susana Lisboa. Calaram-se. Silêncio. Lisboa tentava digerir esta nova realidade.

Com um gesto, largo e cansado, dispensou os tritões que saltando e rosnando, nitidamente satisfeitos, voltam para a fonte no Largo das Necessidades.

Em seguida, apontando para os gémeos, fez um gesto de ordem para seguirem à sua frente.

Chegados à Praça da Armada, aproximaram-se da base da estátua de Neptuno e, entrando pela

pequena porta de madeira aberta na traseira, começaram a enfiar as cabeças nos buracos negros e vazios, transformando-se, de imediato, em carrancas de pedra deitando água pela boca.

No número 24 o relógio continuava a trabalhar, contando impiedosamente as horas que faltavam para o destino.

Rodeando Neptuno, Lisboa reparou no pequeno alto-relevo representando um barco navegando com vento pela popa.

Nightingale!

Rouxinol!

E, descalça e suja, cansada e espantada, ainda entranhando a sua nova condição, dirigiu-se ao rio Tejo, devagar, deambulando pelas ruelas, passando pela 24 de Julho e pela linha do comboio.

Junto à água, onde mirou o seu reflexo, parou e pensou com lentidão:

Lisboa, sabes... Eu sei. Sou uma rapariga descalça e leve, um vento súbito e claro nos cabelos, algumas rugas finas a espreitar-me os olhos, a solidão aberta nos lábios e nos dedos, descendo degraus e degraus e degraus até ao rio.

Num gesto, entre o grandioso e o desesperado pela inevitabilidade do seu futuro, virou costas ao Tejo.

Abriu, então, os braços. Tridente no ar, acima da cabeça desgrenhada.

E, com os olhos vermelhos de uma noite sem dormir, exclamou interpelando a cidade em voz alta,

gritando em conjunto com as gaivotas que rasavam a ondulação nervosa do rio:

- Eu sei. E tu?... Sabias?

EPÍLOGO

Mas... O que Lisboa não sabia, é que, naquele mesmo momento em que erguia o tridente de bronze em direção à cidade, onde o sol da madrugada começava a desenhar o casario branco ribeirinho junto ao Tejo, algo de novo e inquietante acontecia.

Na “Casa da Mariquinhas” – a cifra mágica das sete portas dos iniciados – a exótica morena de olhos misteriosos, sorria, imóvel, sentada na obscuridade pesada da sala do restaurante. A gaiola branca de dois andares, insinuante, detentora de uma história tão triste como bonita, que pendia do teto por cima do bar, já não se encontrava vazia.

Dentro da gaiola, ainda branca, saltitava agora um rouxinol negro da amazónia, símbolo da tentação. E o seu chilrear, belo e aflito, quase divino, ecoava pelos cantos mais recônditos do bairro, cujas ruas estavam agora, inexplicavelmente, cheias de gente, talvez fantasmas inquietos. Mas essa agitação apenas durou poucos momentos, pois começaram, de imediato, a ficar gradualmente desertas. Como era habitual noutros tempos.

Também como habitualmente, os ponteiros do relógio da Praça da Armada, sobre o número 24, estavam novamente parados, marcando, definitiva e inevitavelmente, a uma hora... certa!

Será que o bairro dos contrabandistas vai mesmo, como foi profetizado, voltar a brilhar?

